

## 2. Metodologia

*Reconocer que no somos objetivos, que la objetividad y la imparcialidad son imposibles, no es solo una declaración de honestidad profesional, sino que también es el primer paso para procurar superar los efectos negativos — que también los tiene la subjetividad — existentes en todo discurso sobre historia*  
Pelai Pagés, 1983, p. 5

O registo arqueológico é um palimpsesto da acção de múltiplos actores, cada um com os seus interesses e identidades (Preucel, 1991). O arqueólogo não pode voltar ao passado, e observar, no seu contexto original, a interacção entre o Homem e os materiais que o completam. Contudo, a crença de que estes preservam características intemporais que, interpretadas, podem revelar elementos acerca do Homem, justifica a existência da Arqueologia enquanto prática de construção do passado (Shanks e Hodder, 1995a).

A actividade do arqueólogo consiste em conjugar os vestígios materiais do passado e transformá-los em algo que designa como “conhecimento”. O arqueólogo é essencial na compreensão do passado. É o elo de ligação entre o objecto presente e a interpretação do significado. Esta, produzida no presente, resulta, inquestionavelmente, subjectiva.

A arqueologia pós-processualista colocou o arqueólogo como o sujeito activo da acção. O arqueólogo é ainda intérprete entre a linguagem do objecto e a escrita (Shanks e Hodder, 1995a). Este assume a responsabilidade pelas suas acções, tomando consciência que o discurso produzido é condicionado por numerosos factores, entre os quais os objectivos traçados, a natureza dos dados disponíveis, o enquadramento teórico do sujeito e a metodologia adoptada.

Contudo, se interpretar é um acto criativo, nem todas as criações ou interpretações são aceitáveis. Estas necessitam de um sujeito, de um contexto e de uma racionalidade. Como frisa Criado Boado (2001), há que controlar a interpretação, centrando-se o desafio, na necessidade de gerar metodologias de acção positiva, num contexto social e teórico que é post-positivista.

Neste sentido, a classificação é uma estratégia metodológica legítima para enquadrar a imensa variedade do registo arqueológico, sob uma legenda que faça sentido. Os parâmetros de análise dos materiais arqueológicos são seleccionados, de entre a multiplicidade possível dos atributos apresentados por um artefacto. Estes não sumarizam totalmente o objecto, definem-no e enquadram-no numa das inúmeras categorias possíveis.

A categorização tipológica é um exercício difícil, especialmente quando estamos a tratar de um conjunto de cerâmica manual. Classificamos sobre as “regras do mesmo” um conjunto de recipientes cerâmicos, com a certeza que estamos a ignorar a sua diversidade e a convicção de que não existem dois recipientes iguais.

A classificação é aqui tomada como uma opção consciente da subjectividade na escolha dos critérios definidos. Estes foram escolhidos para a obtenção de respostas que, esperemos, ultrapassem o funcionalismo e o postulado da racionalidade económica, façam “fé na possibilidade de se alcançar o espírito dos homens do passado” (Alarcão, 1996, p. 65).

Se é verdade que o passado é mais do que algo que existe para suportar questões consideradas significativas, a realidade é que são estas que direccionam a nossa pesquisa, com a certeza, porém, que “nós não perguntamos nem procuramos tudo, ou porque não temos

meios para o fazer, ou porque não consideramos importantes certas questões ou porque determinados problemas nem sequer existem em nós” (Valera, 1997, p. 9).

Se o vestígio arqueológico é o objecto de estudo, o conhecimento obtém-se através da conjugação consciente de vários tipos de contexto — contexto do significado e o contexto do arqueólogo (Hodder, 1987c). O contexto do significado é aquele em que o objecto tem de ser colocado para ser compreendido. É a sua localização no espaço e no tempo e em relação com outros objectos. O contexto do arqueólogo é o seu enquadramento teórico e a relação que se estabelece entre este e a interpretação dos dados.

Quando uma colecção antiga de museu se torna no ponto de partida para uma leitura do passado, os objectos surgem referenciados em relação a um topónimo. Perdeu-se a ligação estratigráfica que permitiria integrá-los numa relação de antes e depois. Desconhecem-se, quase completamente, as estruturas que humanizam o espaço e a relação destas com os vestígios exumados.

Contudo, assumidas as limitações impostas pelo objecto, o seu enquadramento num contexto de significado é alcançado perspectivando o espaço através de uma leitura da paisagem e relativizando-se o tempo entre as comparações tipológicas e a cronologia que as enquadram.

Neste sentido, a relação entre os objectos de colecções pertencentes a vários sítios arqueológicos sai valorizada. Aceitamos que a leitura que fazemos do passado está condicionada, não só pelo nosso enquadramento teórico, mas também pelo contexto do arqueólogo que produziu os resultados, com os quais procuramos estabelecer paralelos. Assim sendo, tentamos minimizar este efeito, assumindo, por um lado, as nossas influências teóricas e, sempre que julgado oportuno, desconstruindo e enquadrando, social e cronologicamente, as leituras vigentes expressas nas palavras de outros arqueólogos.

A história de um artefacto, como sublinha M. Shanks (1995), não se resume à sua vida útil, ao período que medeia entre o momento de produção e o momento de abandono. A transformação do objecto em artefacto é um capítulo, e o seu estudo um episódio, que deve ser contabilizado.

Deste modo, e sempre que se justifique, faremos referência às opiniões que outros investigadores expressaram sobre as peças que analisamos. Temos a consciência que nós, como outros, somos apenas mais um momento da história de um artefacto que continua.

## 2.1. Prospecção

---

Um dos objectivos deste texto é a recuperação dos dados dispersos ao longo de uma investigação centenária. Neste sentido, o trabalho de prospecção foi orientado para a realocação dos sítios pré-históricos identificados por Hipólito Cabaço, cujo conhecimento não passa, actualmente, de um topónimo, de uma referência bibliográfica ou de um depósito de materiais numa vitrina de Museu.

Contudo, os resultados obtidos não foram os mais desejados. Estes acabaram condicionados pela pouca visibilidade dos materiais e por uma paisagem extremamente antropizada, na qual as construções e a agricultura se tornam marcas permanentes e onde os amplos espaços se dividem, entre propriedades interditas e uma impenetrável concentração de carrasco.

Optou-se por sintetizar os dados conhecidos, referentes ao período e à área em estudo, numa ficha de sítio cujos critérios se encontram difundidos na bibliografia arqueológica (Sousa, 1998; Simões, 1999). Nesta concentram-se, não só os dados da nossa observação de campo, mas também, e por vezes não passam disso, os dados recolhidos na bibliografia, cuja consulta foi o mais exaustiva possível.

O mapa oro-hidrográfico utilizado, como base de estudo, foi obtido a partir da Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000 (folhas 362, 363, 376, 375, 389, 390). Neste cartografaram-se, com base nas coordenadas geográficas, os sítios identificados em prospeção. Localizando-se, por aproximação toponímica, os sítios conhecidos apenas através da bibliografia.

Foram utilizados dois sistemas de referência cartográfica. Um símbolo, correspondente à *caracterização da ocupação* e o número, correspondente à *ficha de sítio*.

A classificação estabelecida para os diferentes tipos de vestígios seguiu, de um modo geral, as propostas de outros autores (Rocha, 1999; Boaventura, 2001). Assim, utilizou-se a expressão *povoado* e *povoado(?)*, sempre que o número e o tipo de materiais aconselhava alguma prudência. Utilizou-se a expressão *achado isolado*, para classificar a identificação de uma a duas peças e *achado disperso* para nos referirmos a mais de duas peças, mas sem elementos suficientemente caracterizadores. Na categoria de necrópole incluímos *Anta*, *Gruta* e *Cista*.

Na ausência de estratigrafia e datações absolutas que permitam contextualizar cronologicamente os materiais recolhidos, a atribuição de cronologia foi estabelecida por comparação formal. Assim consideramos *Neo/Calcolítico* todos os materiais que, podendo pertencer a qualquer um destes períodos, não possuem características que permitam afinar a sua cronologia. *Calcolítico* enquadra elementos inquestionáveis e *Idade do Bronze* abrange todos os artefactos que, podendo enquadrar-se nesta fase cronológica, não apresentam características específicas do *Bronze Final*, que surge como uma referência isolada.

Uma referência ao preenchimento da *ficha de sítio*: sempre que os materiais apresentados foram, por nós analisados pessoalmente, no campo *Natureza da informação* surge a referência ao local de depósito dos mesmos. Quando tal não nos foi possível, esse campo é preenchido com a indicação “Bibliografia”, remetendo para a indicada em campo próprio.

## 2.2. Critérios de análise dos dados materiais

---

A Pedra de Ouro é a principal base artefactual deste texto. O estudo da cultura material não é um fim em si mesmo, mas pretende ser um contributo para o conhecimento da identidade cultural existente, na actual Estremadura, durante o período que medeia o Calcolítico à Idade do Bronze.

Os materiais arqueológicos estudados encontram-se depositados no Museu Municipal de Alenquer e resultam dos trabalhos efectuados, em inícios do século XX, por Hipólito Cabaço, na Pedra de Ouro.

Desde já uma chamada de atenção. Os materiais estudados, a totalidade da colecção disponível no Museu, resultam, claramente, de uma selecção. Estes são exemplificativos de uma existência, mas não representativos da totalidade da mesma.

### 2.2.1. Os materiais cerâmicos

Os *critérios de caracterização cerâmica* utilizados classificam-na sob o ponto de vista morfológico, tecnológico e decorativo. Estes seguem as propostas generalizadas na bibliografia arqueológica (Soares e Silva, 1975; Silva e Soares 1976-1977; Senna-Martinez, 1989; Valera, 1997; Boaventura, 2001).

Foram codificados, em matriz, os dados provenientes de todos os fragmentos de cerâmica decorada, assim como, de todos os fragmentos de bordo. Apresentam-se os dados das

peças reconstituídas graficamente, sempre que as dimensões do fragmento o permitem. Contabilizaram-se todos os fragmentos de bojo (sem decoração) e o barro de cabanas.

Os recipientes foram reconstituídos partindo do princípio que, as formas simples correspondem à decomposição de sólidos geométricos (esfera, cone e cilindro), as formas compostas correspondem à sua conjugação. Para o efeito, recorreu-se ao desenho gráfico e seu tratamento informático, com recurso ao programa informático Adobe Illustrator, versão 8.0.

Todas as peças surgem referenciadas com as iniciais do local onde se encontram — HC — Museu Hipólito Cabaço — e com o número correspondente à inventariação do Museu. Não foram consideradas peças sem número de inventário. No meio dos sacos de materiais marcados e inventariados como provenientes da Pedra de Ouro, surgiram dois sacos de materiais — um com cerâmica (sem decoração) e outro com materiais em sílex — sem qualquer referência de proveniência (marcação na peça, ou referência escrita no saco). Dado o estado, pouco organizado, do acervo do Museu, estes materiais não foram contabilizados neste estudo por não existir nenhum grau de certeza quanto à sua proveniência.

O estado da peça — **Est** refere o objecto presente que serve de base à leitura do arqueólogo:

<b>Est</b> – estado da peça	o. bojo simples	
	1. bojo decorado	
	2. bojo com perfuração	
	3. bordo com ou sem bojo	
	4. forma reconstituível	• através de desenho gráfico
5. formas inteiras	• recipiente intacto ou fragmento(s) que perfazem mais de 50% do mesmo	

Segue-se a identificação dos critérios intrínsecos do fragmento que permitam a reconstrução formal do artefacto e a sua integração numa tabela classificativa:

<b>Fbo</b> – forma do lábio	o. redondo	<b>Bor</b> – orientação do bordo	o. direito
	1. direito		1. invertido
	2. bisel interno		2. exvertido
	3. bisel externo		
	4. bisel duplo		
	5. espessado internamente		
	6. espessado externamente		
	7. bi-espessado		
	8. enrolado		
9. outro			

A categorização das bases, apenas, foi possível efectuar em recipientes inteiros ou em formas reconstituíveis. Enquanto fragmentos, a sua morfologia, maioritariamente convexa, impossibilita a sua individualização de entre o conjunto dos bojos.

<b>Bas</b> – base	o. plana
	1. convexa
	2. côncava
	3. em “omphalos”
	4. irregular
	5. cónica
6. cónica espessada	

Na definição das formas foram adoptadas as designações vulgarizadas na bibliografia arqueológica, de acordo com as formas e os índices identificados.

<b>Tfo</b> – tipo de formas	<b>Tra</b>	Taça rasa ( $I_p < 30$ )
	<b>Tba</b>	Taça rasa de base plana ( $I_p < 30$ )
	<b>Tm</b>	Taça média ( $I_p$ entre 30 e 50)
	<b>Tbe</b>	Taça rasa de bordo espessado ( $I_p$ entre 30 e 50)
	<b>Tir</b>	Tigela rasa ( $I_p < 40$ )
	<b>Tim</b>	Tigela média ( $I_p$ entre 40 e 50)
	<b>Timf</b>	Tigela média fechada ( $I_p$ entre 40 e 50; $I_a$ entre 80 e 90)
	<b>Tif</b>	Tigela funda ( $I_p$ entre 50 e 65)
	<b>Tfo</b>	Tigela funda fechada de base em “omphalos” ( $I_p > 50$ ; $I_a < 100$ )
	<b>Tff</b>	Tigela funda fechada ( $I_p > 50$ ; $I_a < 100$ )
	<b>Mr</b>	Mini-recipiente ( $H < 30$ mm e $D_{be} < 56$ mm)
	<b>Vso</b>	Vaso de colo estrangulado ( $I_{a1} < 85$ ; $I_{a3} < 85$ e $I_p < 70$ )
	<b>Ca</b>	Caçoila ( $I_{a1} < 85$ ; $I_{a3} < 85$ e $I_p \geq 70$ )
	<b>Vca</b>	Vaso campaniforme ( $I_{a1} < 85$ ; $I_{a2} \leq 95$ ; e $I_p \geq 85$ )
	<b>Po</b>	Pote simples ( $I_{a2} \leq 90$ ; um $I_p \geq 92$ )
	<b>Pbe</b>	Pote de bordo espessado ( $I_{a2} \leq 90$ ; um $I_p \geq 92$ )
	<b>Esf</b>	Esférico

Na determinação da forma foram considerados e registados (sempre em mm), as seguintes medidas e índices:

<b>D</b>	diâm máximo	<b>Ia1</b>	$D_m/D \times 100$
<b>Db0</b>	diâm interno da boca	<b>Ia2</b>	$D_{b0}/D \times 100$
<b>Dm</b>	diâm do colo ou gargalo interno	<b>Ia3</b>	$D_m/D_{b0}$
<b>Dbe</b>	diâm externo da boca	<b>Ip</b>	$H/D \times 100$
<b>Dc</b>	diâm exterior da carena	<b>Ihc</b>	$H_{ca}/H \times 100$
<b>H</b>	altura interna do recipiente	<b>Ies</b>	$E_l/E \times 100$
<b>Hco</b>	altura do colo ou gargalo	<b>Ier</b>	$H_D/H \times 100$
<b>Hca</b>	altura externa da carena		
<b>HD</b>	altura do diâm interno máximo		
<b>E</b>	espessura máxima das paredes		
<b>El</b>	espessura máxima do lábio/bordo		

A análise tecnológica incidu sobre as pastas, a cozedura e o tratamento das superfícies e seguiu as propostas apresentadas por Senna-Martinez (1989) e Valera (1997).

<b>C</b> – consistência	o. compacta 1. média 2. friável	<b>T</b> – textura	o. homogénea 1. xistosa 2. granular 3. arenosa 4. vacular
-------------------------	---------------------------------------	--------------------	---

A análise dos *elementos não plásticos* presentes nas cerâmicas foi exclusivamente macroscópica. Pelo que apenas se registaram e identificaram os elementos mais destacados.

<b>ENP – elementos não plásticos</b>		A. areia
		Q. quartzo
		M. mica
		C. calcário
		I. indeterminado
<b>Fr – frequência</b>	o. abundantes – > 30%	<b>Di – dimensões</b> o. muito fino – > 0,1 mm
	1. moderados – entre 15 -30%	1. fino – de 0,1 a 0,25 mm
	2. escassos – < 15%	2. médio – de 0,25 a 0,5 mm
	3. invisíveis	3. grosseiro – de 0,5 a 1,00 mm
		4. muito grosseiro – > 1,00 mm

Na determinação do tipo de cozedura, considerou-se a tonalidade predominante do fragmento.

<b>Cz – cozedura</b>	o. oxidante – superfície e núcleo castanho-avermelhado
	1. redutora – superfície e núcleo acinzentado-negro
	2. oxidante com arrefecimento redutor – superfície cinza-negra e fractura castanha/avermelhada
	3. redutora com arrefecimento oxidante – superfície castanha avermelhada e fractura cinza-negra

Na análise do tratamento das superfícies (**TS**), seguiu-se o esquema apresentado por Valera (1997), que procura conjugar determinados tipos de tratamento com a sua localização interna, externa ou ambas, no recipiente.

<b>TS – tratamento das superfícies</b>	o. engobe externo	5. brunido total
	1. engobe interno	6. polido externo
	2. engobe total	7. polido interno
	3. brunido externo	8. polido total
	4. brunido interno	9. normais ou alisadas

No estudo da decoração foram considerados os seguintes critérios: a área ocupada pela decoração (**AD**) e a localização da mesma em relação à superfície do fragmento/recipiente (**PD**). As técnicas decorativas (**TD**) seguiram, grosso modo, o definido por Soares e Silva (1975). Foi organizada uma tabela com os motivos decorativos (**MD**) de acordo com as características do conjunto analisado.

TD – técnicas decorativas	o. incisão
	o.1 incisão por meio punção aguçado
	o.2 incisão por meio de punção rombo
	o.2.1 caneluras profundas
	o.2.2 caneluras pouco profundas e em geral largas («canelura»)
	o.3 conjugação dos dois punções
	o.4 incisão a pente
	o.4.1 linhas onduladas
	o.4.2 linhas rectas
	o.4.3 penteada
	i. impressão
	i.1 pontilhado
	i.1.1 pontilhado por meio de punção
	i.1.2 pontilhado por meio de pente

- |  |
|--|
| i.2 punção lateral   |
| i.3 matriz rectangular                                     |
| i.4 espátula a topo («folha de acácia»)                    |
| i.5 ungulada   |
| 2. impressão com matriz e incisão por meio de punção rombo |
| 3. incisão e impressão por meio de punção aguçado          |
| 4. relevo  |

AD – área decorada	o. junto ao bordo	PD – posicionamento da decoração	o. superfície interna
	1. junto ao bordo e total do fragmento		1. superfície externa
	2. apenas metade do fragmento		
	3. totalidade do fragmento de bojo		
	4. outro		
	5. totalidade da peça		
6. bordo e junto ao bordo			

Na análise dos pesos de tear, seguiram-se, grosso modo, as propostas de M. Diniz (1994) e R. Boaventura (2001). Foram inseridos em matriz, os dados das peças inteiras, das peças reconstituíveis e dos fragmentos decorados. Os restantes foram contabilizados enquanto fragmentos simples.

Tipo	o. placa rectangular
	1. placa quadrangular
	2. crescente

A classificação como placa rectangular ou quadrangular foi obtida mediante a análise do gráfico de dispersão do índice de alongamento (Ia) e do índice de espessura (Ie).

Est – estado	o. inteiro
	1. forma reconstituível
	2. fragmento



Foram consideradas como formas reconstituíveis as peças que, embora fragmentadas, apresentam visíveis pelo menos 3 furos. Este termo aplica-se, igualmente, às peças reconstituídas no Museu. Assim, foram aceites como fiáveis e contabilizaram-se as medidas das reconstituições se estas são feitas a partir de fragmentos com pelo menos 3 furos. Nos outros casos, foram ignoradas as reconstituições e contabilizaram-se os fragmentos.

<b>Medidas e índices</b>	C – comprimento
	L – largura
	E – espessura
	Peso
	IA – índice alongamento
	IE – índice de espessura

As medidas e índices referidos aplicaram-se apenas a placas inteiras, ou reconstituíveis. Nos fragmentos decorados, registou-se apenas as medidas possíveis, na maioria, apenas a espessura.

<b>Fl – flancos</b>	o. vincados
	1. arredondados
	2. irregular

Considerou-se como vincados os flancos que fazem um ângulo de aproximadamente 90° com a face e como arredondados as placas onde essa aresta foi propositadamente boleada.

Relativamente aos furos considerou-se uma série de elementos:

<b>NF</b>	número de furos
<b>DF</b>	diâm máximo dos furos
<b>PF</b>	posição dos furos
	o. equidistantes entre si
	1. descentrados
<b>DMT</b>	distância máxima dos furos em relação ao topo
<b>DMB</b>	distância máxima dos furos em relação à base
<b>DML</b>	distância máxima dos furos em relação à lateral
<b>FF</b>	forma dos furos
	o. cónica
	1. cilíndrica
	2. irregular
<b>Des</b>	desgaste dos furos
	o. ausente
	1. acentuado
	2. ligeiro

A consistência (C), o tratamento das superfícies (TS) e a técnica decorativa (TD), seguem os parâmetros gerais, já definidos para os elementos cerâmicos. Para a área decorada (AD) pela especificidade das peças analisadas foram definidos parâmetros específicos:

<b>AD – área decorada</b>	o. uma face
	1. duas faces
	2. faces e flancos
	3. só nos flancos

Foram desenhados todos os pesos de tear decorados de modo a elaborar-se uma tabela de motivos decorativos (MD).

### 2.2.2. Os materiais líticos

A análise da indústria lítica seguiu, grosso modo, os critérios tecnológicos e terminológicos apresentados por Senna-Martinez (1989), Valera (1997), Carvalho (1998), Inizan (1999), Rocha (1999), Boaventura (2001). A descrição das peças foi codificada em matriz de dados com vista ao seu tratamento estatístico e caracterização das estratégias de produção/utilização da matéria-prima.

#### Lâminas e lamelas

<b>MP</b> – matéria prima	o. sílex 1. quartzo leitoso 2. quartzo hialino 3. calcário silicioso	<b>TT</b> – tratamento térmico	o. sim 1. não
<b>Est</b> – estado	o. inteiro 1. proximal 2. mesial 3. distal	<b>Cal</b> – calcinação	o. sim 1. quebrada por acção térmica 2. não
<b>Tal</b> – talão	o. cortical 1. liso 2. diedro 3. facetado 4. linear ou puntiforme 5. asa de pássaro 6. irregular 7. eliminado	<b>Dimensões</b> – C L E Ia Ie	comprimento máximo largura máxima espessura máxima índice alongamento índice espessura
<b>Lab</b> – labiado	o. sim 1. não	<b>RP</b> – posição do retoque	o. directo 1. inverso 2. alterno 3. alternante 4. bifacial 5. cruzado
<b>Abr</b> – abrasão	o. sim 1. não	<b>RR</b> – repartição do retoque	o. parcial 1. descontínuo 2. total
<b>Ctx</b> – córtex	o. sem córtex 1. parcialmente cortical 2. cortical	<b>RE</b> – extensão do retoque	o. marginal curto 1. marginal longo 2. invasor 3. cobridor
<b>SL</b> – secção longitudinal	o. recta 1. recta com extremidade distal arqueada 2. arqueada (côncava) 3. sinuosa	<b>R1</b> <b>R2</b> <b>R3</b> <b>R4</b>	RE – afectando face dorsal direita RE – afectando a face dorsal esquerda RE – afectando a face ventral direita RE – afectando a face ventral esquerda

<b>ST – secção transversal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. trapezoidal</li> <li>1. triangular</li> <li>2. triângulo isósceles</li> <li>3. trapézio isósceles</li> <li>4. outra</li> </ul>	<b>RI – inclinação do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1. semi-abrupto</li> <li>2. rasante</li> </ul>
<b>For – forma</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. bordos paralelos</li> <li>1. bordos convergentes na extremidade distal</li> <li>2. bordos convergentes na extremidade proximal</li> <li>3. sub-rectangular</li> <li>4. ovóide</li> <li>5. plano-convexos</li> <li>6. plano-côncavos</li> <li>7. bordos divergentes</li> <li>8. irregular</li> </ul>	<b>RM – morfologia do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. escamosa</li> <li>1. escaliforme</li> <li>2. subparalelo</li> <li>3. paralelo</li> </ul>
		<b>Fi – fractura intencional</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. microburil</li> <li>1. flexão</li> <li>2. percussão</li> </ul>
		<b>Mu – marcas de uso</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. brilho de cereal</li> <li>1. outras</li> </ul>

## Raspadeiras

---

<b>MP – matéria-prima</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. sílex</li> <li>1. quartzo leitoso</li> <li>2. quartzo hialino</li> <li>3. calcário silicioso</li> </ul>	<b>RP – posição do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. directo</li> <li>1. inverso</li> <li>2. alterno</li> <li>3. alternante</li> <li>4. bifacial</li> <li>5. cruzado</li> </ul>
<b>Sup – suporte</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. lasca</li> <li>1. lasca cortical</li> <li>2. prisma de quartzo</li> <li>3. indeterminado</li> <li>4. lâmina</li> </ul>	<b>RR – repartição do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. parcial</li> <li>1. descontínuo</li> <li>2. total</li> </ul>
<b>Est – estado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. inteiro</li> <li>1. proximal</li> <li>2. mesial</li> <li>3. distal</li> </ul>	<b>RE – extensão do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. marginal curto</li> <li>1. marginal longo</li> <li>2. invasor</li> <li>3. cobridor</li> </ul>
<b>Dimensões – C</b>	comprimento máximo	<b>RI – inclinação do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. abrupto</li> <li>1. semi-abrupto</li> <li>2. rasante</li> </ul>
<b>L</b>	largura máxima	<b>RM – morfologia do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. escamosa</li> <li>1. escaliforme</li> <li>2. subparalelo</li> <li>3. paralelo</li> </ul>
<b>E</b>	espessura máxima		
<b>P</b>	peso		

## Furadores

<b>MP</b> – matéria prima	o. sílex 1. quartzo leitoso 2. quartzo hialino 3. calcário silicioso	<b>RE</b> – extensão do retoque	o. marginal curto 1. marginal longo 2. invasor 3. cobridor
<b>Sup</b> – suporte	o. lâmina 1. lamela 2. lasca 3. prisma 4. indeterminado	<b>R1</b>	RE — afectando face dorsal direita
		<b>R2</b>	RE — afectando a face dorsal esquerda
		<b>R3</b>	RE — afectando a face ventral direita
		<b>R4</b>	RE — afectando a face ventral esquerda
<b>RP</b> – posição do retoque	o. directo 1. inverso 2. alterno 3. alternante 4. bifacial 5. cruzado	<b>RI</b> – inclinação do retoque	o. abrupto 1. semi-abrupto 2. rasante
<b>RR</b> – repartição do retoque	o. parcial 1. descontínuo 2. total	<b>RM</b> – morfologia do retoque	o. escamosa 1. escaliforme 2. subparalelo 3. paralelo
		<b>Fi</b> – fractura intencional	o. microburil 1. flexão 2. percussão
		<b>Mu</b> – marcas de uso	o. brilho de cereal 1. outras

## Pontas de seta

<b>MP</b> – matéria prima	o. sílex 1. quartzo leitoso 2. quartzo hialino 3. chert 4. xisto jaspóide 5. calcário silicioso	<b>Peso</b>	
		<b>Área front. cm<sup>2</sup></b>	
		<b>Massa Kgm</b>	
<b>Est</b> – estado	o. inteiro 1. proximal 2. mesial 3. distal	<b>Sup</b> – suporte	o. indeterminado 1. lâmina 2. lamela 3. lasca 4. prisma
		<b>RP</b> – posição do retoque	o. directo 1. inverso 2. alterno 3. alternante 4. bifacial 5. cruzado

<b>Bas – base</b>	o. recta 1. triangular 2. bicôncava 3. convexa 4. côncava 5. pedunculada 6. mitriforme 7. triangular com aletas 8. irregular 9. trapezoidal 10. chanfrada	<b>RR – repartição do retoque</b>	o. parcial 1. descontínuo 2. total
<b>Bor – bordos</b>	o. rectos 1. côncavos 2. convexos 3. sinuosos	<b>RE — extensão do retoque</b>	o. marginal curto 1. marginal longo 2. invasor 3. cobridor
<b>SL – secção longitudinal</b>	o. recta 1. recta com ext. distal arqueada 2. arqueada (côncava) 3. sinuosa	<b>R1</b> <b>R2</b> <b>R3</b> <b>R4</b>	RE – afectando face dorsal direita RE – afectando a face dorsal esquerda RE – afectando a face ventral direita RE – afectando a face ventral esquerda
<b>ST – secção transversal</b>	o. trapezoidal 1. triangular 2. triângulo isósceles 3. trapézio isósceles 4. irregular 5. plana	<b>RI — inclinação do retoque</b>	o. abrupto 1. semi-abrupto 2. rasante
<b>Dimensões e índices</b>	<b>C</b> comprimento máximo <b>Cr</b> comp. até à linha da base <b>L</b> largura máxima <b>Li</b> larg. na linha da base <b>H</b> altura da base <b>E</b> espessura máxima <b>IaI</b> índice de alongamento <b>Ie</b> índice de espessura <b>Iab</b> índice alongamento base <b>Ip</b> índice alongamento do corpo da ponta <b>Ipi</b> Índice de espessura do corpo da ponta <b>Ipn</b> índice de perfuração	<b>RM — morfologia do retoque</b>	o. escamosa 1. escaliforme 2. subparalelo 3. paralelo

## Micrólitos

<b>MP – matéria prima</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. sílex</li> <li>1. quartzo leitoso</li> <li>2. quartzo hialino</li> <li>3. chert</li> <li>4. calcário silicioso</li> </ul>	<b>TT – tratamento térmico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. sim</li> <li>1. não</li> </ul>
<b>Sup – suporte</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. lasca</li> <li>1. lasca cortical</li> <li>2. prisma de quartzo</li> <li>3. indeterminado</li> <li>4. lâmina</li> </ul>	<b>Cal – calcinação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. sim</li> <li>1. quebrada por acção térmica</li> <li>2. não</li> </ul>
<b>Est – estado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. inteiro</li> <li>1. fragmentado</li> </ul>	<b>RD – delineação do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. rectilíneo</li> <li>1. côncavo</li> <li>2. convexo</li> <li>3. sinuoso</li> <li>4. entalhe</li> </ul>
<b>Dimensões</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>C</b> comprimento máximo</li> <li><b>L</b> largura máxima</li> <li><b>E</b> espessura máxima</li> </ul>	<b>RP – posição do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. directo</li> <li>1. inverso</li> <li>2. alterno</li> <li>3. alternante</li> <li>4. bifacial</li> <li>5. cruzado</li> </ul>
<b>T – tipo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. triângulo</li> <li>1. trapézio</li> <li>2. crescente</li> <li>3. triângulo isósceles</li> <li>4. trapézio isósceles</li> <li>5. irregular</li> </ul>	<b>RE – extensão do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. marginal curto</li> <li>1. marginal longo</li> <li>2. invasor</li> <li>3. cobridor</li> </ul>
<b>SL – secção longitudinal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. recta</li> <li>1. arqueada (côncava)</li> <li>2. sinuosa</li> </ul>	<b>RI – inclinação do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. abrupto</li> <li>1. semi-abrupto</li> <li>2. rasante</li> </ul>
<b>ST – secção transversal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. trapezoidal</li> <li>1. triangular</li> <li>2. triângulo isósceles</li> <li>3. trapézio isósceles</li> <li>4. irregular</li> </ul>	<b>RM – morfologia do retoque</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. escamosa</li> <li>1. escaliforme</li> <li>2. subparalelo</li> <li>3. paralelo</li> </ul>

## Núcleos

<b>MP – matéria-prima</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. sílex</li> <li>1. quartzo leitoso</li> <li>2. quartzo hialino</li> <li>3. chert</li> <li>4. xisto</li> </ul>	<b>P — produto</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. lâmina</li> <li>1. lamelas</li> <li>2. lascas</li> </ul>
<b>T – tipologia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. nódulo bruto</li> <li>1. nódulo debitado</li> <li>2. prismático com um plano percussão</li> <li>3. prismático com dois planos percussão opostos</li> <li>4. prismático com dois planos percussão cruzados</li> <li>5. prismático com planos percussão múltiplos</li> <li>6. bipolar</li> <li>7. sobre lasca</li> <li>8. poliédrico ou informe</li> <li>9. paralelepipedico</li> <li>10. paralelepipedico com planos percussão opostos</li> </ul>	<b>PP – plano percussão</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. cortical</li> <li>1. liso</li> <li>2. preparado/facetado</li> </ul>
		<b>AC – abrasão da cornija</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. sim</li> <li>1. não</li> </ul>
		<b>TT – tratamento térmico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. sim</li> <li>1. não</li> </ul>
		<b>Cal – calcinação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. sim</li> <li>1. não</li> </ul>
		<b>Dimensões</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>C</b> comprimento máximo</li> <li><b>Ci</b> comp. plano debitagem</li> <li><b>L</b> largura máxima</li> <li><b>Pe</b> peso</li> </ul>

## Utensílios, esboços e fragmentos em pedra polida

<b>MP – matéria-prima</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. anfibolito</li> <li>1. granito</li> </ul>	<b>GB – gume bisel</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. simples convexo</li> <li>1. simples plano</li> <li>2. simples côncavo</li> <li>3. duplo simétrico convexo</li> <li>4. duplo simétrico plano</li> <li>5. duplo dissimétrico convexo</li> <li>6. duplo dissimétrico plano</li> <li>7. duplo dissimétrico plano-convexo</li> </ul>
<b>Medidas e índices</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>C</b> comprimento máximo</li> <li><b>Ci</b> comprimento do gume</li> <li><b>L</b> largura máxima</li> <li><b>Li</b> largura do gume</li> <li><b>L2</b> largura do talão</li> <li><b>E</b> espessura</li> <li><b>Ei</b> espessura do gume</li> <li><b>E2</b> espessura do talão</li> <li><b>IA</b> <math>L/C \times 100</math></li> <li><b>IR</b> <math>E/C \times 100</math></li> <li><b>IR1</b> <math>E2/L2 \times 100</math></li> <li><b>IR2</b> <math>Ei/Ci \times 100</math></li> </ul>	<b>GL – gume linha</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. rectilíneo</li> <li>1. convexo simétrico</li> <li>2. convexo dissimétrico</li> <li>3. côncavo</li> <li>4. sinuoso</li> </ul>

<b>ST – secção transversal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. rectangular ou sub-rectangular</li> <li>1. quadrangular ou subquadrangular</li> <li>2. circular</li> <li>3. elíptica</li> <li>4. trapezoidal</li> <li>5. biconvexa</li> <li>6. convexo-côncava</li> </ul>	<b>GE – gume estado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. intacto</li> <li>1. ligeiros sinais de uso</li> <li>2. intensos sinais de uso</li> <li>3. polido</li> <li>4. partido/lascado</li> <li>5. martelado</li> </ul>
<b>SL – secção longitudinal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. flancos paralelos</li> <li>1. convergentes no gume</li> <li>2. convergentes no talão</li> <li>3. biconvexos</li> <li>4. sinuosos</li> </ul>	<b>Fl – flancos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. rectangular</li> <li>1. trapezoidal</li> <li>2. triangular</li> </ul>
<b>Pol – polimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. só no gume</li> <li>1. total</li> <li>2. total com vestígios de lascamento</li> <li>3. parcialmente</li> <li>4. ausente</li> </ul>	<b>Tal – talão</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. truncado</li> <li>1. redondo</li> <li>2. pontiagudo</li> <li>3. lavrado</li> <li>4. ombreado</li> <li>5. em botão</li> <li>6. rectilíneo</li> </ul>
<b>Bor – bordos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. paralelos</li> <li>1. convergentes no gume</li> <li>2. convergentes no talão</li> <li>3. sinuosos</li> </ul>	<b>Fix – fixação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. ausente</li> <li>1. presente</li> </ul>

## Percutores

---

<b>MP – matéria-prima</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. quartzo</li> <li>1. quartzito</li> <li>2. anfibolito</li> <li>3. indeterminado</li> </ul>	<b>Est – estado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. inteiro</li> <li>1. fragmentado</li> </ul>
<b>Morf – morfologia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. esferoidal</li> <li>1. alongado</li> <li>2. achatado</li> <li>3. discoidal</li> <li>4. irregular</li> </ul>	<b>AU – área usada</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. aresta</li> <li>1. face</li> <li>2. aresta e faces</li> </ul>
		<b>FU – frequência de uso</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. usado</li> <li>1. muito usado</li> </ul>
		<b>Peso</b>	



### 2.2.3. Artefactos em osso

A análise dos artefactos de osso seguiu, com algumas alterações, o definido por Maria Clara Salvado (2000).

#### Artefactos em Osso

<b>MP</b> – matéria-prima	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. Osso</li> <li>1. Haste</li> <li>2. Concha</li> <li>3. Dentes</li> </ul>	<b>S</b> – secção transversal	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. Anelar</li> <li>1. Plano/Cônvexa</li> <li>2. Convexa/Côncava</li> <li>3. Elíptica</li> <li>4. Rectangular com ângulos arredondados</li> <li>5. Recangular</li> <li>6. Sinuosa</li> <li>7. Ovóide alongado</li> <li>8. Losangular</li> </ul>
<b>MC</b> – macrocategoria	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. Com 1 zona</li> <li>1. Com 2 zonas</li> <li>2. Com 3 zonas</li> </ul>	<b>SL</b> – secção longitudinal	<ul style="list-style-type: none"> <li>1. convergentes no gume</li> <li>2. convergentes no talão</li> <li>3. biconvexos</li> <li>4. sinuosos</li> </ul>
<b>Cat</b> – categoria	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. Cilindros sem perfuração</li> <li>1. Cilindros ocos</li> <li>2. Perfurados</li> <li>3. Zoomorfos/antropomorfos</li> <li>4. Biselados</li> <li>5. Denteados</li> <li>6. Pontiagudos</li> <li>7. Rombos</li> </ul>	<b>Medidas e índices</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>L</b> — Largura</li> <li><b>E</b> — Espessura</li> <li><b>C</b> — Comprimento</li> <li><b>Ia</b> — <math>C/L \times 100</math></li> <li><b>Rt</b> — <math>L \times E / C \times 100</math></li> </ul>
<b>Est</b> – estado	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. Inteiro</li> <li>1. Distal</li> <li>2. Mesial</li> <li>3. Proximal</li> </ul>	<b>TU</b> – traços de utilização	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. Acentuado</li> <li>1. Ligeiro</li> <li>2. Ausente</li> </ul>
<b>Fd</b> – forma ext. distal	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. Bicuda</li> <li>1. Romba</li> <li>2. Plana</li> </ul>	<b>P</b> – polimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. Ausente</li> <li>1. Presente</li> </ul>
<b>FB</b> – forma dos bordos	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. Forma anatómica</li> <li>1. Convergentes ext. distal</li> <li>2. Convergentes ext. proximal</li> <li>3. Paralelos</li> </ul>	<b>C</b> – calcinação	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. sim</li> <li>1. Não</li> </ul>
<b>FP</b> – forma ext. proximal	<ul style="list-style-type: none"> <li>o. Rectilínea</li> <li>1. Pontiaguda</li> <li>2. Convexa</li> <li>3. Côncava</li> <li>4. Sinuosa</li> </ul>		

